

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ISADORA SILVA TAVARES

Desafios de adolecer na pandemia de Covid-19: Um relato de experiência de um estágio em Psicologia de forma remota em Orientação Profissional

Uberlândia

2022

ISADORA SILVA TAVARES

Desafios de adolecer na pandemia Covid-19: Um relato de experiência de um estágio supervisionado de forma remota em Orientação Profissional

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Carmen Lúcia Reis

Uberlândia

2022

ISADORA SILVA TAVARES

Desafios de adolecer na pandemia Covid-19: Um relato de experiência de um estágio supervisionado de forma remota em Orientação Profissional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Lúcia Reis

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Carmen Lúcia Reis (presidente)

ME. Luana Mundim de Lima

ME. Adrielly Garcia Siebert

AGRADECIMENTOS

Finalizar este ciclo é com certeza uma das maiores conquistas que tive, mas esse caminhar não se deu de forma solitária, muito pelo contrário, sempre estive rodeada de pessoas que me apoiaram, me acolheram, deram afeto, colo e morada em suas vidas e corações. Por isso não poderia deixar de agradecer todos àqueles que estiveram presentes nessa jornada que é graduação, não importando quão conturbado esse período fosse.

Agradeço primeiramente à Universidade Federal de Uberlândia, por ser um espaço onde pude realizar o sonho de cursar uma graduação em uma universidade pública e com um ensino de qualidade. Foi aqui que pude usufruir de inúmeras possibilidades que essa instituição oferece, como por exemplo, os recursos e projetos tão importantes para minha formação como Psicóloga.

Agradeço à Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Reis por aceitar me orientar e principalmente, me acolher na ideia de fazer um relato de experiência do estágio em que ela também foi a supervisora. A Carmen, enquanto professora, supervisora e agora orientadora sempre teve um olhar carinhoso e reflexivo sobre a Psicologia Escolar, especificamente sobre a Orientação Profissional, mas também sobre a arte, propondo sempre um diálogo entre essas. Carmen, obrigada por ser fonte de aprendizado e acolhimento durante todo o meu processo de escrita, por me mostrar como é possível ser eu mesma escrevendo um texto acadêmico, por enxergar potencialidades onde eu não conseguia ver.

Agradeço também a Deus, pois foi através da minha fé que pude me fortalecer naqueles momentos difíceis e aos meus pais, que sempre estiveram presentes nos momentos felizes e também nos mais tortuosos, obrigada por me incentivarem e não deixarem que eu desistisse, ainda que tudo parecesse não fazer sentido. Vocês foram meu alicerce durante todo esse período e sou muito grata por tudo que vocês tanto lutaram para me proporcionar. Não posso deixar de agradecer o meu namorado por ter segurado minha mão e me acolhido nos períodos mais complexos da graduação, mas também por todas as vezes que ele vibrou com as conquistas que tive. Guilherme, ter você ao meu lado nessa caminhada foi muito significativo e importante.

Agradeço também aos meus avós Waldete e José, que tanto me incentivaram e me amaram de forma incondicional, eu sou imensamente feliz por ter vocês em minha vida. Aos

meus avós paternos Ilda e Americino, que mesmo não estando mais nesse plano, foram extremamente importantes para a constituição do meu ser, ensinando-me a não aceitar as mazelas da sociedade e lutar pelos meus direitos e pelas causas que eu acredito.

Aos meus familiares e amigos, agradeço por todo apoio, cuidado e afeto transbordado. Aos meus padrinhos Soraia e Erivelton, Rita e Carlos, minha irmã de alma Mirella, meus amigos Erika e Argeu, e também meus sogros Elânia e Carlos, um agradecimento especial por terem participado de perto dessa conquista e terem sido colo e morada em diversos momentos.

À ME. Luana Mundim de Lima e à ME. Adrielly Garcia Siebert, por aceitar comporem a banca examinadora e por contribuir para a finalização deste ciclo.

“Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser.” (Paulo Freire, 1996)

RESUMO

Este trabalho apresentará um relato de experiência de uma graduanda do curso de Psicologia sobre orientação profissional realizada com grupos diferentes de adolescentes (estudantes de escolas públicas e privadas) na cidade de Uberlândia/MG de forma remota devido a pandemia da COVID-19, seguindo a abordagem sócio-histórica. Foram realizados 9 encontros com os participantes de escolas privadas e 8 com os de escolas públicas, através da plataforma *meetgoogle*, durante o primeiro semestre de 2021. A divulgação do projeto “E agora, José?” se deu através das redes sociais e e-mail das escolas, houveram 71 inscritos, sendo que 49 eram de instituições particulares, enquanto 22 eram de escolas públicas. Após as inscrições foram feitos convites individuais através do *whatsapp* e num primeiro momento o grupo teve uma adesão de 20 pessoas da rede pública e 37 da privada. No entanto, ao final do período de estágio, havia 4 pessoas nos grupos de escolas públicas e 5 nos encontros de escolas privadas. Os pilares da Orientação Profissional: Autoconhecimento; Determinantes da escolha; Informação; Mundo do trabalho e Projeto de vida foram utilizados para respaldar as discussões sobre o processo de escolha profissional. No decorrer dos encontros, observou-se a importância do desenvolvimento deste, já que estes grupos se tornaram espaços de escuta e acolhimento para esses adolescentes, entendendo as diferenças existentes nas vivências que os estudantes de escolas públicas tinham em relação aos de instituições privadas devido às diferenças socioeconômicas. Para além disso, destaca-se ainda as semelhanças entre os participantes dos grupos no que se refere às angústias do processo de escolha profissional e o período da adolescência vivenciada na pandemia da COVID-19. Por fim, os grupos de Orientação profissional foram importantes para poder compreender melhor e refletir, sobre o processo de escolha em tempos de pandemia e os impactos que esta teve na saúde mental desses estudantes.

Palavras chaves: Orientação Profissional, Adolescência, Abordagem sócio histórica, Pandemia covid-

ABSTRACT

This work will present an experience report in professional guidance carried out with different groups of adolescents (students from public and private schools) in the Uberlândia/MG city remotely due to the covid-19 pandemic, following the sócio-historical approach. 9 meetings were held with participants from private schools and 8 with those from public schools, through the meetgoogle platform, during the first half of 2021. The dissemination of the Project “E agora, José?” took place through the Project’ social mídias and schools’ emails, there were 71 subscribers, 49 of which were from private institutions, while 22 were from public schools. 20 people from the public schools and 37 from private institutions. However, at the end of the internship period, there were 4 people in the public school groups and 5 in the private school meetings. The pillars of Professional Guidance: Self-knowledge; Determinants of choice; Information; World of work and Life Project were used to support the discussions about the professional choice process. During the meetings, the importance of its development was observed, these groups became listening and welcoming spaces for these adolescents, understanding the existing differences in the experiences that students from public schools had in relation to those from private institutions due to the socioeconomic differences. In addition, the similarities between the participants of the groups are highlighted with regard to the anxieties of the professional choice process and the period of adolescence experienced in the covid-19 pandemic. Finally, the Professional Guidance groups were important to be able to better understand and reflect on the choice process in times of a pandemic and the impacts it had on the mental health of these students.

Keywords: Professional Guidance; Adolescence; Socio-historical approach; Covid-19 pandemic

SUMÁRIO

1. Por que fazer esse relato?	10
2. Os percalços de adolecer na pandemia	11
3. O caminho se faz caminhando – Como o trabalho aconteceu?	20
4. Oi prazer, eu sou a Isadora e você quem é? – Primeiros encontros	23
5. É preciso olhar e falar de si – Trabalhando o autoconhecimento	25
6. Xii, como eu escolho o que vou ser? Onde eu acho as informações que eu preciso em? – Trabalhando os determinantes da escolha e informação	29
7. E afinal, o que é trabalho? Conversando sobre o mundo do trabalho	33
8. E como a gente estuda na pandemia? Será que vou passar? – Pensando sobre o projeto de vida	36
9. E aí, vamos finalizar?	39
Referências Bibliográficas	41

1 - Por que fazer esse relato?

Esse trabalho se configura em um relato de experiência que foi desenvolvido a partir de um coração inquieto que, depois de estagiar no primeiro semestre de 2021 com grupos diferentes de adolescentes (estudantes de escolas públicas e privadas) em processo de escolha profissional durante a pandemia da covid-19 de forma remota, teve uma identificação com as falas e trocas ocorridas justamente por estar vivenciando fechamentos de ciclos que requerem fazer escolhas, como também a revisitação de memórias de quando passava por esse processo de entrada na universidade, além de também ser estudante e experienciar o ensino remoto enquanto aluna durante o período pandêmico. Desse modo, despertou-se um interesse em compreender os impactos que a covid-19 causou na vida desses adolescentes e como o grupo de Orientação Profissional mediado por mim e também por uma parceira, pôde contribuir com a tomada de decisão desses jovens, observando as diferenças socioeconômicas entre os grupos, além dos efeitos ocasionados pela pandemia na saúde mental dos participantes.

Afinal, esses estudantes eram adolescentes que estavam vivenciando um momento de transição entre a infância e a fase adulta, cujo próprio processo se delimita como algo do campo biológico e cultural, também se viam inseridos em uma nova realidade devido ao distanciamento social ocasionado pela pandemia da covid-19, um fator que corroborava para o aumento do sentimento de impotência, ansiedade, angústia que o próprio processo de escolha profissional pertencente a essa fase já traz. Vale salientar que tanto o estágio, como também esse relato de experiência tomou como perspectiva teórica a sócio histórico e contribuições de outras áreas da Psicologia para conduzir as reflexões que irão ser trazidas ao longo do texto.

Foi inevitável, após revisitar os relatórios produzidos na época, o resgate de sentimentos e das vivências, dando novos sentidos e significados. O objeto de estudo nesse

relato é o próprio estágio, já que as atividades desenvolvidas a serem relatadas se deram por meio do mesmo, sendo então de suma importância para a estagiária que aqui escreve, como também para os participantes dos grupos que encontraram nesse ambiente, ainda que virtual, um espaço de acolhimento e escuta.

2 - Os percalços de adolescer na pandemia

Dando início a discussões, é necessário entender a perspectiva de adolescência entendida pela autora, sabe-se que o ser humano passa por alguns processos de desenvolvimento ao longo da vida, dentre eles este referido acima, que por si só já é um período que pode ser considerado conturbado devido à série de mudanças que ocorrem, sejam elas biológicas e também sociais, que vão influenciar a construção da subjetividade desses indivíduos, indo além de uma questão interna relacionada às mudanças corporais ocorridas, mas sim o resultado de uma relação entre o contexto histórico cultural deste indivíduo (Vigotski, 1984/2014 citado por Souza e Silva, 2018, p.7). Contudo, não se tem uma faixa de idade para o início e o fim da adolescência, sendo que os autores estudiosos desse período acabam divergindo entre si. Berger (2013) aponta como sendo o início da adolescência aos 10 anos e o final aos 19 ou 20 anos, enquanto Papalia e Feldman (2013) trazem que esse período se inicia aos 11 anos e finaliza-se por volta dos 19 ou 20 anos (Lima & Maranhão, 2018), contudo, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o período da adolescência abrange dos 12 aos 18 anos (BRASIL, 1990).

Ainda assim, vale considerar que é no período da adolescência que recai sobre os jovens o peso de se sentirem obrigados a escolher futura profissão, peso esse que recai sobre os jovens que sentem a obrigação de escolher durante o Ensino Médio o caminho que irão percorrer para iniciar sua vida profissional, isso devido a uma pressão cultural que se instaura onde cada indivíduo acaba por “ter que seguir” os ciclos impostos pela sociedade.

O que acontece é que, por vezes, as escolhas e vontades que esses sujeitos tomam ou querem tomar não são respeitadas, já que ao mesmo tempo que é previsto a essa fase a necessidade de se tomar grandes decisões, como a futura profissão por exemplo, também lhe são colocados os rótulos de baixa credibilidade devido à pouca experiência de vida. A questão

é, como já dizia Chorão¹ quando cantava no início da música *Não é sério*: “Eu vejo na Tv o que eles falam sobre o jovem não é sério, O jovem no Brasil nunca é levado a sério.” E de fato, o jovem no Brasil é cobrado, mas não é levado a sério. (Chorão; Negra Li; Champignon; Pelado, 1997)

Souza e Silva (2018, p. 4) vão dizer que existe, então, uma relação dialética permanente no período de transição para a adolescência, entre os processos de significação desse corpo-sujeito no mundo e os elementos externos que ele interpreta e também modifica. Pode-se observar então, que a adolescência é sim um período crítico no desenvolvimento, mas que cada indivíduo vai se relacionar com esse momento de uma forma distinta, tendo em vista que as experiências de ser e estar no mundo são diferentes mesmo para aqueles que vivem no mesmo contexto (Souza e Silva, 2018), influenciando inclusive no próprio processo de escolha.

Pensando nisso é necessário observar como se dá o processo de escolha de cada sujeito, principalmente nesse período onde é cobrado do adolescente que defina qual profissão este irá seguir, com uma falsa ideia de que aquilo terá que ser definido para a vida inteira. Segundo Bock (2014, 4ªed, p. 25), a escolha profissional só assume relativa importância quando, de forma definitiva, instala-se o modo de produção capitalista, dessa forma pode se entender que é a partir desse momento que o indivíduo passa a ter uma nova relação com o trabalho, indo além de ser apenas algo para sobreviver, mas sim uma forma de vender sua força de trabalho (Bock, 2014, 4ªed).

É durante o ensino médio que as discussões acerca da escolha profissional se intensificam, pois esses três ou quatro anos finais da educação básica são voltados para a

¹ Chorão foi vocalista, compositor e co-fundador da banda de rock brasileiro *Charlie Brown Jr*, grande sucesso entre a geração dos anos 2000, principalmente com o público adolescente. Suas composições contavam sobre o cotidiano, as angústias de ser adolescente/jovem no Brasil, faziam críticas sociais e ainda assim, muitas dessas composições falavam de amor.

construção do sujeito para a vida adulta. Justamente nesse período que se fala sobre a perda da identidade desses jovens e também da própria educação, no entanto, o ensino médio nunca teve uma identidade bem estabelecida se não a transição desses estudantes para a universidade ou a formação profissional (Krawczyk, 2011).

Ainda assim, quando se olha para o passado entende-se que estar cursando o ensino médio é de fato considerado um privilégio para muitos desses adolescentes, especialmente aqueles que vivem ou viveram em situação de vulnerabilidade social e se deparam como sendo a geração que está tendo a possibilidade de finalizar a educação básica, já que seus familiares como pais, avós, tios não a puderam fazer. Isso significa que apesar de ser uma geração de jovens mais escolarizados que seus antepassados, esses ainda têm muita dificuldade para encontrar sentido tanto na vida escolar, como também para pensar no mundo do trabalho (Krawczyk, 2011). Desse modo, Melo e Leonardo (2019, p.6) vão dizer que devemos lembrar que os sentidos estão marcados também pela posição social que cada um ocupa na sociedade. Sendo assim o sujeito que vive em situação social vulnerável, vai ter uma relação com o mundo do trabalho e uma percepção deste diferente de jovens que tenham uma situação financeira mais abastada.

O momento da escolha profissional se apresenta como algo bastante complexo, já que a decisão não é, muitas vezes, pautada apenas no próprio desejo do adolescente, ou seja, não depende unicamente deste. Essa é uma questão muito importante para a própria constituição do sujeito, já que o jovem que está nesse processo sofre influências de fatores sociais, familiares, econômicos e educacionais (Lima & Maranhão, 2018).

É aí então que a Orientação Profissional (OP) vem ao encontro desse momento de tomada de decisão, a fim de elucidar e o tornar “um pouco mais tranquilo”. A Orientação Profissional é um processo que deve ser realizado em conjunto com o adolescente, deste

modo as informações que são discutidas e obtidas através da OP auxiliam no desenvolvimento do indivíduo a partir de sua construção pessoal e profissional. Sendo assim, o sujeito acaba por identificar os conhecimentos adquiridos para que posteriormente consiga aplicar na prática, possibilitando uma postura de enfrentamento nas mais diversas situações (Duarte, 2013).

O desenvolvimento de um trabalho de Orientação Profissional pressupõe o estudo e a avaliação de questões que estão presentes na escolha profissional, essa compreensão dos fatores que estão envolvidos nesse momento da vida do jovem, a relação que o sujeito tem com o seu próprio desejo e como isso está interligado a pressões sociais, além das opções de profissões existentes e também a influência da família, escola e amigos nesse processo, são pautas importantes para a Psicologia e necessárias de serem observadas (Valore, 2008).

Vale ressaltar aqui, que a partir da abordagem sócio-histórica a Orientação Profissional se constitui em cinco pilares, sendo que esses fazem parte da tomada de decisão. Esses pilares são autoconhecimento, determinantes da escolha, mundo do trabalho, informações e projeto de futuro, esses fatores são componentes importantes para que o sujeito consiga fazer uma escolha mais segura, entendendo o que está posto por detrás desse momento, as influências que o permeiam, tomando consciência de si e de seu próprio processo.

Os estudantes que participaram do estágio estavam passando para além desse momento no desenvolvimento do indivíduo, pela pandemia da covid-19 que ocasionou uma série de mudanças na sociedade e impactou diretamente na vida desses adolescentes que tiveram suas rotinas modificadas. É preciso entender a importância de olhar para a saúde mental dos estudantes, principalmente nessa faixa etária, em especial durante o período pandêmico. Nesse sentido, Ramos, Cerqueira e Oliveira (2022) vão dizer que o medo da

contaminação, as modificações sociais, as consequências do isolamento social, a incerteza provocada pelas mudanças rápidas nas notícias e nas recomendações, o luto e diversos outros fatores provocaram alterações importantes no bem-estar psicológico da população.

É necessário então, entender como se deu o processo da covid-19 para compreender essas tais mudanças ditas acima. O mundo vivenciou um período pandêmico desde dezembro de 2019, quando o vírus denominado *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (SARS-CoV-2) se instaurou, sendo responsável por um grande número de mortes e de internações. Os primeiros casos da covid-19 foram relatados em Wuhan, situado na província de Hubei, na China, no entanto, em março de 2020 já haviam casos confirmados por todo continente.

No Brasil, o primeiro caso identificado se deu no dia 25 de fevereiro de 2020 segundo o Ministério da Saúde, sendo que apenas no dia 11 de março de 2020 foi deflagrada a pandemia pela Organização Mundial da Saúde (Una-Sus, 2020) e, até o dia 08 de fevereiro de 2022 o Brasil registrava 26.955.434 casos confirmados e 635.074 óbitos, números esses que causam um impacto negativo, já que são muito altos (BRASIL, 2022). A cidade de Uberlândia, localizada no estado de Minas Gerais que é o principal cenário para esse relato, também esteve com números altos, tendo em vista que até o dia 8 de fevereiro de 2022 a quantidade de casos confirmados se encontrava em 187.326, enquanto as mortes devido a covid-19 na cidade atingiram 3.272 (BRASIL,2022). Esses números explicitam uma situação problemática, já que devido a continuidade da pandemia ocorreram grandes mudanças no cotidiano de toda população, que teve que distanciar, adaptando-se a uma nova maneira de viver, como também uma sobrecarga no sistema de saúde devido a quantidade de casos, seja nos trabalhos, no âmbito familiar, como também nas instituições de ensino. As escolas tiveram que instaurar o ensino remoto, sendo que esse último acabou destacando-se como um

elemento estressor para os estudantes, principalmente, para aqueles que estão no período pré-vestibular, algo que por si só pode se tornar um processo estressor e ansiogênico (Schönhofen et al., 2020). Dessa maneira, pode-se dizer que os altos índices de contaminação, a necessidade de se fazer o distanciamento social, a transformação da rotina, a incerteza do futuro, podem vir a gerar sentimentos como medo, frustração e sensação de impotência que acabam afetando a saúde mental das pessoas (Lima, Gomes & Machado, 2021).

Dessa forma, o Ministério da Educação (MEC) atendeu ao pedido feito pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) e também às orientações do Conselho Nacional de Educação (CNE), publicando a portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Essa portaria tinha como objetivo regulamentar excepcionalmente as Instituições de Ensino para que fosse possível substituir aulas presenciais pelo ensino a distância (EaD) pelo prazo de 30 dias, podendo ser prorrogada enquanto durasse a pandemia (BRASIL, 2020).

Ainda assim, cabe entender que há uma diferença entre a Educação a Distância (EaD) e o ensino remoto emergencial (ERE), mesmo que ambos façam uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) como meio facilitador da educação. A EaD está empregada desde 2005 no Brasil, ela ocorre quando a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem faz o uso das tecnologias e também da comunicação, tendo um pessoal qualificado, com acompanhamento e também avaliações compatíveis, acontecendo de forma assíncrona, ou seja, o estudante pode acessar as aulas em diferentes momentos (Arruda, 2020).

Sendo assim, as Instituições de Ensino e também os professores respeitaram as recomendações do MEC, fechando temporariamente as portas dessas instituições para que fosse possível cortar a cadeia de contaminação que existe dentro desses lugares. Dessa forma,

se fez necessário implementar diferentes estratégias, incluindo por exemplo, as TDICs, a fim de promover um processo formativo eficiente, capaz de levar conhecimento e oportunidade de aprendizagem para bilhões de alunos por meio dos recursos midiáticos oferecidos pela internet (Santos Junior & Monteiro, 2020).

Foi preciso então, pensar estratégias para se adequar à realidade que se impunha, dentre elas a necessidade de acelerar o uso das TDCIs no contexto escolar. As TDCIs visam auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, sendo uma ferramenta pedagógica para ampliar o conhecimento do estudante e também promover o uso de atividades síncronas e assíncronas. Já a educação remota emergencial, que é a que nos deparamos devido a covid-19, tem um caráter similar à educação presencial já que os encontros virtuais se dão em horários específicos, muitas vezes, com atividades em formato de aulas síncronas, coincidindo com os horários das aulas presenciais. Dessa forma, as transmissões nesse formato, permitem a participação dos estudantes de forma simultânea, podendo ser feito inclusive, gravações das atividades para que os alunos que não tenham conseguido assistir a esses materiais, possam ainda assim acompanhar (Arruda, 2020).

A questão é: Como driblar a falta de infraestrutura tecnológica da instituição de ensino e também do próprio estudante? Tendo em vista que nos deparamos com o aspecto da desigualdade social e como ela escancara os diferentes tipos de acesso à tecnologia afetando consequentemente o processo de ensino – aprendizagem do aluno que conta com a escola ou universidade para ter acesso às tecnologias.

Esse foi e ainda é um desafio enfrentado pela educação, dentre outros como o trazido por Menezes e Francisco (2020) referente à formação dos professores para o uso pedagógico das TDICs, compreendendo as mudanças ocorridas devido a pandemia da covid-19 e o processo adaptativo que aconteceu de maneira acelerada. O que deve ser levado em conta são

as diferentes realidades encontradas dentro das Instituições de Ensino. Dessa forma, a educação precisa ter um olhar sobre a realidade em que cada aluno está inserido e deve ofertar fomentos e estruturas aos profissionais da área da educação capazes de oferecer um fazer pedagógico mais contextualizado através das TDICs (Branco, Adriano & Zanatta, 2020).

Segundo a Síntese de Indicadores Sociais feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), a intensidade da dedicação ao estudo fora de sala de aula é determinada por uma série de fatores que vão desde as condições adequadas ao aprendizado no domicílio até o grau de motivação do estudante ou a adaptação ao ensino remoto. A dedicação ao estudo ou a falta dela, diz respeito a uma questão da própria condição sócioeconômica do estudante, já que muitos alunos, principalmente, os da rede pública, vivenciam uma realidade na qual nem sempre todos têm acesso à tecnologia ou que têm que dividir um tempo maior entre estudos e trabalho. Esses fatores corroboram para que o tempo dedicado aos estudos e a frequência diária sejam menores entre esses estudantes de instituições de ensino públicas, diminuindo por exemplo, o próprio rendimento do aluno.

Ainda de acordo com a Síntese de Indicadores Sociais feita pelo IBGE em 2021, o Brasil, em um contexto internacional, está entre os países que tiveram o maior período de suspensão das aulas presenciais, totalizando em 190 dias no período entre março de 2020 e maio de 2021. Pensando no impacto dessa situação na vida e na formação dos estudantes como um todo, é possível compreender como a ausência de rotina escolar tenha potencializado o tempo de exposição à tela e também a inversão do sono, além de outras mudanças no cotidiano dos jovens, aumentando sintomas característicos de quadros de depressão e ansiedade nessa fase (Vasquez et al., 2021). E esses sintomas, associados aos transtornos mentais em adolescentes, podem acarretar a redução das chances dos estudantes

de completarem a educação básica, como também afetar a capacidade de enfrentar as adversidades futuras e ocasionar a falta de coesão social (Vasquez et al., 2021).

Dessa forma, cabe a reflexão acerca da saúde mental desses estudantes, tendo em vista que o convívio escolar é um importante regulador desta, já que devido ao distanciamento social ocasionado pela pandemia de COVID-19, a solidão demarcou seu espaço na vida de toda sociedade, e também na dos estudantes (Silva & Rosa, 2021). Sabemos que o período da adolescência, particularmente, representa um momento delicado para o desenvolvimento, e a interação social é fundamental nesta fase (Blakemore & Mills, 2014 citado por Coelho et al., 2020, p.5), sendo assim foi necessário repensar os modos de estar e se fazer presentes, uma nova perspectiva de vínculo para a manutenção da saúde mental de toda a população.

Pensando nisso, vale a pena lembrar que muitos estudantes do ensino médio, para além da pandemia, vivenciam um processo ansiogênico da escolha de uma profissão, passando inclusive pelo período pré-vestibular, se deparando com uma preparação para a vida universitária, para o mercado de trabalho, além de provas classificatórias para fazer uma faculdade, entre outras mudanças que ocorrem durante esse período. Desse modo, entende-se que a Orientação Profissional (OP) traz a possibilidade de criarmos uma intervenção que permita ao indivíduo entrar em contato com esse processo, a partir de reflexões, busca por informações, e suas vivências sobre determinadas questões, como: que trabalho escolher? que futuro quero para mim? o que é uma boa escolha? o que eu gosto? por que gosto? Assim, como dito por Aguiar (2006), a OP propicia a constituição de um desenvolvimento de apropriação das determinações e necessidades do estudante, de produção de novos sentidos e ressignificação de outros. Nesse sentido, como trazido por Oliveira (2016), a OP deve possibilitar ao adolescente uma análise histórica, social e cultural das escolhas profissionais e de carreira.

3 - O Caminho se faz caminhando-Como o trabalho aconteceu?

*“Caminhante, são tuas pegadas
a estrada e nada mais;
Caminhante, não tem caminho,
se faz caminho ao andar(...)”*

Antonio Machado (1912/2012, p. 130

Inicialmente é necessário explicar que um relato de experiência consiste em um tipo de produção de conhecimento, que retrata alguma vivência acadêmica e/ou profissional do pesquisador, dentro de um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), sendo que a sua característica principal é a descrição da intervenção. Em um relato de experiência é necessário conter embasamento científico e reflexão crítica (Mussi, Flores & Almeida, 2021). Este relato de experiência conta acerca do estágio profissionalizante em Psicologia Escolar e Educacional com olhar voltado para Orientação Profissional, que atendeu estudantes do ensino médio de escolas públicas e privadas da cidade de Uberlândia no primeiro semestre de 2021, como também da experiência da estagiária em mediar um grupo de OP entrando em contato com as suas memórias e vivências nesse processo de tomada de decisão. Dessa forma, o objetivo deste relato é compartilhar a experiência vivenciada por uma graduanda em Psicologia em um estágio profissionalizante em OP profissional com adolescentes estudantes do ensino médio em meio à pandemia da covid- 19.

O estágio, tinha como público alvo estudantes do ensino médio de escolas públicas e privadas e também, de cursos pré-vestibulares. As inscrições para o grupo de Orientação Profissional denominado “E agora, José?”, foram feitas por meio de um formulário da plataforma *Google Forms*, onde era pedido o nome completo, celular, e-mail, idade, instituição de ensino pertencente e também, ano escolar atual, sendo que a divulgação desse

grupo se deu por meio das redes sociais e e-mail das escolas públicas e particulares da cidade de Uberlândia/MG.

Devido ao cenário pandêmico atual, os encontros foram feitos por meio da plataforma *Google Meet*, que possibilitou que o encontro semanal com os dois grupos de adolescentes: um para estudantes de escolas públicas e o outro para estudantes de escolas privadas. Essa divisão foi proposta devido à desigualdade social e de acesso ao ensino vivenciada pelos estudantes de escolas públicas em comparação aos de escolas privadas. E mesmo diante dessa disparidade de condições, foram realizados 9 encontros com cada grupo. Nos encontros virtuais, relevantes temáticas para essa faixa etária foram discutidas, como: escolha, autoconhecimento, mundo do trabalho, informação profissional, projeto de futuro, pandemia e distanciamento social. Esses temas foram pensados a fim de ampliar uma reflexão crítica sobre o atual momento vivenciado, além de seus interesses, objetivos pessoais e profissionais, para que os adolescentes (re)significassem sua realidade e suas expectativas, questões muito presentes durante o período da adolescência e que precisam ser trabalhadas.

A escolha dessas temáticas ocorriam sempre após os encontros, onde as estagiárias se reuniam para fazer uma chuva de ideias sobre as principais demandas levantadas pelos estudantes. As temáticas acabavam se diferenciando um pouco entre os grupos de escolas públicas e privadas, no entanto, alguns temas relacionados às expectativas e às angústias referentes ao futuro foram presentes em ambos encontros.

Após a confecção do material de convite para a participação, foi utilizado as redes sociais do projeto “E agora, José?!” para fazer a divulgação. Houveram 71 inscritos, sendo que 49 eram de instituições particulares, enquanto 22 eram de escolas públicas. Após a finalização do período de inscrição, foram feitos convites individuais através do *whatsapp* e num primeiro momento o grupo teve uma adesão de 20 pessoas da rede pública e 37 da

privada. No entanto, ao longo dos encontros esses números foram diminuindo, chegando a ter 4 pessoas nos grupos de escolas públicas (3 do sexo feminino e 1 do sexo masculino) e 5 nos encontros de escolas privadas (4 pessoas do sexo masculino e 1 do sexo feminino). Existem algumas hipóteses traçadas que justifiquem a queda drástica do número de participantes, dentre elas estão: o horário dos encontros (noturno), a exaustão dos adolescentes, a procura por cursos pré-vestibulares, a negação em se deparar com suas angústias, a necessidade de trabalhar e as atividades escolares no mesmo período.

Os grupos foram mediados por duas estagiárias do oitavo e nono período do curso de Psicologia pertencente a uma Instituição de Ensino Superior do Estado de Minas Gerais. A proposta do “E agora, José?” era auxiliar no processo de escolha de uma profissão, pensando criticamente nos pormenores existentes nesse processo, tentando trazer para os participantes um processo de decisão mais consciente, observando o desenvolvimento individual ao longo dos encontros.

Após cada encontro, era elaborado um relatório, em forma de diários de campo, no qual eram anotados os acontecimentos dos encontros, as angústias trazidas pelos participantes e as das próprias estagiárias. Nesse documento, era possível revisitar falas, reflexões e assim construir os próximos grupos a partir das demandas levantadas pelos estudantes, a fim de mediar esse processo e produzir conhecimento em conjunto com esses alunos.

4 - Oi prazer, eu sou a Isadora e você quem é? - Primeiros encontros

**Deixa eu me apresentar
Que eu acabei de chegar
Depois que me escutar
Você vai lembrar meu nome**

(Amarelo azul e branco- Composição: Ana Caetano / Vitória Falcão, 2021)

Para iniciar o trabalho grupal, é necessário que haja uma apresentação dos membros e também dos conteúdos que serão trabalhados neste, com o intuito de estabelecer quais serão as características desses grupos. Nesse caso, precisaríamos estabelecer que seriam 9 encontros com estudantes de escolas particulares e 8 com os participantes de escolas públicas, além de entender quem eram os participantes desses grupos. Sendo assim, o primeiro encontro foi marcado pela apresentação dos integrantes presentes, pela explicação breve do que é a Orientação Profissional e também pela construção de combinados em conjunto com os participantes. Foi utilizado a música “Amarelo azul e branco” da dupla AnaVitória como uma forma de dinâmica quebra gelo, dando início às reflexões sobre a trajetória de cada um, suas escolhas e como a própria história é um componente importante na construção do Eu, influenciando, inclusive, nas decisões tomadas a respeito do futuro e da profissão escolhida.

Foi utilizado o mesmo formato para ambos os grupos, tanto com estudantes de escolas públicas, quanto com os de escolas particulares. No entanto, já foi possível perceber uma diferença na dinâmica de cada grupo desde esse primeiro encontro. Enquanto os alunos de escolas privadas conseguiam responder as perguntas de forma mais abstrata, os estudantes de escolas públicas já permaneciam no pensamento concreto, no aqui e agora, apresentando mais dificuldade em imaginar possibilidades futuras. Nesse sentido, as tentativas com vistas à realização dos objetivos grupais criaram no grupo um processo de interação entre as pessoas,

que se influenciam reciprocamente e pode haver a produção de novos significados e metas (Melo, Maia Filho & Chaves, 2014).

Esse período de transição entre ensino médio e universidade, onde existe a necessidade de se fazer escolhas referente ao futuro, já é um processo ansiogênico. Cordeiro e Boruchovitch (2021, p. 7) vão dizer que ao longo dos anos do ensino médio, os sintomas de ansiedade podem aumentar, devido ao nível mais alto de estresse dos alunos, pelo fato de que precisam decidir sobre seu futuro profissional. Dessa forma, o grupo de OP se deparou com esses estudantes que estão no processo de tomada de decisão relacionado à futura graduação. Pode-se dizer que ao final da adolescência, já próximo aos 18 anos, esses estudantes têm que lidar com as suas expectativas e angústias em relação as responsabilidades designadas a vida adulta e às mudanças que ela acarreta (Cordeiro e Boruchovitch,2021).

Com o período pandêmico, esses fatores que geram ansiedade ganharam mais alguns complementos, como: o ensino remoto, o distanciamento social, as incertezas e as inseguranças advindas da pandemia de covid-19. Isso vai ao encontro do que Silva e Rosa (2021) apresentam ao falar sobre como a emergência de saúde pública ocasionada pela covid-19, gerou medo e conseqüentemente trouxe um maior desconforto emocional e conseqüências psicológicas, que vão desde respostas de angústia, depressão, ansiedade até alterações no sono e na alimentação, situações trazidas pelos adolescentes de ambos os grupos logo no primeiro encontro.

5 - É preciso olhar e falar de si - Trabalhando o autoconhecimento

**Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
Se alguém por mim perguntar
Diga que eu só vou voltar
Depois que me encontrar
(Preciso me encontrar- Cartola; Candeia, 1976)**

A partir dos segundos encontros nós desenvolvemos propostas diferentes para cada grupo, respeitando as particularidades e identidades apresentadas no primeiro. Tentamos seguir uma linearidade para trabalhar os 5 pilares da OP, mas no decorrer dos grupos foi perceptível que essas temáticas foram se costurando, se entrelaçando. Os estudantes de escolas particulares fizeram uma linha da vida, na qual eles tinham que pensar no que eles almejavam quando tinham 10 e 15 anos, e também nos próximos 5 e 10 anos, onde imaginavam estar, quanto estariam ganhando, quais sonhos gostariam de ter realizado, etc. Essa proposta é uma adaptação do projeto de vida proposto pela Dulce Helena Penna Soares em seu livro *O que é escolha profissional?*, de 2009. Tal dinâmica tinha o intuito de fazê-los refletir sobre o passado e futuro, quais semelhanças e diferenças existiam nesses momentos. Dessa maneira, pudemos iniciar um trabalho sobre autoconhecimento e como ele é importante na tomada de decisão, ou seja, no processo de escolha de uma profissão.

Já os participantes de escolas públicas tiveram que realizar a dinâmica da lâmpada mágica, na qual cada sujeito poderia fazer três pedidos. Esses pedidos estavam relacionados principalmente ao futuro, ao que eles almejavam e gostariam de conquistar, como: a casa

própria, sucesso profissional, viagens, estabilidade financeira e conseguir sustentar os pais. Os desejos que apareceram estavam muitos ligados a bens materiais, sucesso profissional e realização de sonhos. Essa discussão deu margem para refletir sobre a questão da influência que a família, a escola e os amigos têm sobre a tomada de decisão de cada sujeito.

Ainda assim, foi perceptível certa dificuldade dos alunos de escolas públicas em se conectarem com a atividade, alguns não participaram da mesma ou se desligaram do grupo, pois acreditavam se tratar de um curso preparatório para o vestibular, outros tinham a conexão da internet bem instável, dificultando a permanência e participação durante todo encontro. Muitos alunos tinham feito a inscrição para os encontros acreditando se tratar de um curso preparatório para o vestibular e, ao perceberem que não se tratava disso, acabaram interrompendo sua participação no grupo. Dessa forma, o número de participantes foi reduzindo aos poucos ao longo dos encontros, por esses, entre outros fatores, como: o cansaço físico e mental e a não adaptação ao modo remoto, queixas trazidas pelos adolescentes.

Outra dificuldade enfrentada pelo grupo de estudantes de escolas públicas foi: falar de si. Nesse sentido, um estudante chegou a externalizar sobre o fato de não ter contato com tais discussões dentro do ambiente escolar. Um relato diferente dos estudantes de escolas privadas que apresentavam certa familiaridade com a discussão em grupo e com esse tipo de reflexão. Observou-se certo distanciamento dos participantes de escolas públicas em participar de algumas atividades propostas, indo ao encontro do que disseram Melo, Maia Filho e Chaves (2014), que apontaram que o coordenador ao se deparar com essas questões deve entender que para que a tarefa grupal seja realizada, antes é preciso que se cuide da elaboração de sentimentos (como: medos).

No quarto encontro com os estudantes de escolas públicas, a proposta era retomar algumas perguntas iniciais, para que fosse possível entender melhor quem eram esses participantes e o que eles estavam buscando no grupo de OP, uma tentativa de fortalecer o vínculo entre as estagiárias e os participantes. Nesse encontro, também surgiu uma discussão sobre o de quão despreparadas para o ensino remoto as instituições de ensino que esses alunos frequentavam e seus professores estavam. Sobre isso, uma fala bem importante para entender tal situação foi de um aluno que estava a quase um ano tendo aulas com uma professora de português e conhecia apenas a voz dela. Silva e Rosa (2021) vão dizer que diante deste cenário é inegável que, além das preocupações com a própria saúde, os estudantes tiveram que lidar com a ruptura da rotina pessoal e com incertezas relacionadas à continuidade do percurso acadêmico.

Indo ao encontro do que foi posto por Xiao e Li (2020) a respeito dos desafios encontrados no ensino remoto, os autores elencaram: a dificuldade em oferecer uma manutenção do link de acesso contínuo aos conteúdos, em manter os alunos atentos e concentrados; o desafio de os próprios professores realizarem leituras corporais e manterem um ambiente mais interativo. Tudo isso torna a educação remota um desafio, tendo em vista que as instituições tiveram que adaptar-se à realidade apresentada pela pandemia da covid-19.

Foi também no quarto encontro com estudantes de escolas particulares, que começaram a se intensificar as discussões sobre os cinco pilares da Orientação Profissional pautadas no jogo “*Profissão Futuro*” e no texto “*A proposta de Orientação Profissional na abordagem sócio-histórica*”, de Bock (2009) para dar início aos diálogos. Foram escolhidas tais questões para conversar com os estudantes sobre autoconhecimento, o primeiro pilar a ser discutido:

1. O que mais afeta a sua felicidade?
2. Do que você tem mais medo?
3. O que você faria se o dinheiro não existisse?
4. Em uma escala de 1 a 10, qual a importância da opinião dos outros na sua vida?
5. Quais são os seus limites?

Ao discutirmos sobre essas perguntas, os próprios estudantes começaram a se questionar sobre a autocobrança, a falta de controle e como isso se torna frustrante ao longo do tempo, principalmente, durante o ensino médio. O medo do futuro e lidar com a pressão dos outros foram falas que também apareceram nesse encontro.

6 - Xii, como eu escolho o que vou ser? Onde eu acho as informações que eu preciso em? - Trabalhando os determinantes da escolha e informações.

**Sempre caminhei
Em linha reta tentando manter o meu foco
Nem sempre acertei
Algumas vezes me perco no meio dos fatos
Em busca de uma pista
Do meu ponto de vista
Ao menos uma dica de como retomar minha vida
(Em busca de uma pista-Composição: Luciano Garcia, 2016)**

Como dito no tópico sobre autoconhecimento, ainda que eu e minha parceira tenhamos pensado os encontros de forma linear, as discussões foram permeando os pilares da OP, possibilitando que algumas conversas sobre outras temáticas como os determinantes da escolha acontecessem em outros momentos. Dito isso, percebo que nos segundos encontros de ambos os grupos a respeito do processo de escolha, muitos estudantes falaram sobre o sentimento de cobrança vindo de terceiros e de si ligadas ao vestibular, à profissão escolhida e também sobre as projeções e expectativas que ocorrem em relação a eles, houveram ainda algumas colocações sobre a pressão vinda da própria instituição de ensino.

Nesse sentido, Bohoslavsky (2015) traz que a escolha profissional tende a se apoiar nas relações interpessoais, principalmente, na rede familiar que tem um lugar de modelo de referência e, por vezes, de comparação. Observando essa questão, os pais podem exercer certa influência no processo de escolha profissional dos seus filhos, seja através de apoio financeiro, diálogo, formação educacional, ações práticas e subjetivas, seja por meio das expectativas e das cobranças sobre os filhos, da visão de mundo, dos valores e dos sonhos dessa família.

No terceiro encontro das escolas públicas, foi proposto aos participantes que eles respondessem algumas perguntas retiradas do jogo “*Profissão Futuro*” e do texto “*A proposta de Orientação Profissional na abordagem sócio-histórica*” de Bock (2002), para que fosse possível começar a refletir sobre o processo de escolha e sobre o que está ao entorno dele. Foi utilizado a plataforma *Google Forms* para criar um formulário, com as perguntas para o instrumento dirigido, onde foi possível comparar os dados através dos gráficos gerados a partir das respostas dos participantes. Nesse encontro, foram discutidas temáticas como meritocracia, machismo, dificuldades no ensino remoto, influência da família e da escola no processo de escolha, diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho, entre outros temas.

Aqui, observamos certo incomodo em responder às perguntas propostas através do instrumento dirigido. Houve uma conversa mais acirrada entre dois participantes, um do sexo feminino e outro masculino, que tinham opiniões divergentes sobre, principalmente, as questões de gênero nos locais de trabalho. Confesso que minha opinião era mais convergente com a da estudante que se opôs ao garoto que tinha uma opinião marcada por um machismo estrutural, mas, neste momento, tanto eu quanto a minha parceira optamos por instigar a reflexão sobre o assunto trazendo alguns dados e não fomentar ainda mais a discussão tomando um lado. Afinal, considerando que esses meninos já vinham demonstrando estarem feridos com esse processo de adolescer, senti que era necessário acolher e auxiliar a começarem a ter um olhar crítico. No entanto, fica explícito que a posição da mulher perante a sociedade é de inferior, ainda que possamos ver ganhos de direitos ao longo dos anos, a caminhada continua longa e árdua e fomentar a reflexão dessas temáticas durante os encontros, talvez seja o início de uma quebra de paradigmas para esse garoto, por exemplo, e assim possamos colher os frutos posteriormente de uma forma mais ampla.

O quinto encontro dos participantes das instituições privadas, teve como proposta, a partir das perguntas tiradas e/ou adaptadas do jogo “*Profissão Futuro*” e do texto de Bock (2009), compreender juntamente com os participantes do grupo, o segundo e terceiro pilar da OP, sendo assim discutimos sobre escolhas e informações.

As perguntas utilizadas para dar base às discussões foram:

1. Em que momento da vida você percebeu que escolhia algo pela primeira vez?
2. Quem ajuda você a escolher?
3. Você tem mais certeza do que quer ou do que não quer?
4. O que tem de positivo na dúvida? Qual profissional você gostaria de ser por apenas um dia?
5. Qual profissão você nunca exerceria?
6. Quanto ganha um profissional que você admira?
7. Quais atividades você gostaria de realizar no seu cotidiano profissional?

Nesse encontro, foi possível observar juntamente com os participantes do grupo, sobre como se dá o processo de escolha de cada sujeito e como a informação é um canal importante para a tomada de decisão. Dessa forma, me colocava sempre como facilitadora do processo grupal, já que acredito que o processo de aprendizagem se dá através da via da mediação seja do coordenador seja do participante. Os estudantes trouxeram falas sobre o entendimento do que é o limite pessoal de cada indivíduo e como ele é importante para o processo de escolha profissional, além da importância de como é necessário tomar conhecimento de si para lidar

com as expectativas advindas de terceiros, indo ao encontro com o que foi colocado sobre o ir e vir das discussões sobre os pilares da orientação profissional nos nossos encontros.

As angústias em relação ao futuro, seja na profissão seja devido à covid-19, foram bem presentes, assim, percebi uma similaridade entre os alunos de escolas públicas e privadas que estão passando por essa etapa da vida. Indo ao encontro do que Rodrigues e Pelisoli (2008, p. 173) vão trazer sobre esse processo de preparação para o vestibular, durante esse período, o adolescente enfrenta, além de incertezas e inseguranças inerentes à sua condição desenvolvimental, a cobrança familiar, de amigos e da sociedade para que ele obtenha a aprovação.

Ainda pensando sobre como obter informações é importante nesse processo de tomada de decisão, fizemos um *tour* pelos sites de universidades pública e privada, com o intuito de demonstrar como realizar a busca por um maior conhecimento a respeito do curso que cada indivíduo gostaria de iniciar. Ambos os grupos tiveram dúvidas a respeito de temáticas como o que são os projetos de extensão e como funciona as pesquisas, sobre bolsas oferecidas pela universidade, além de compreender melhor o que são as entidades de cada curso, e também o que a universidade pública tem a oferecer e o que a diferencia de uma universidade particular. No entanto, os participantes de escolas particulares demonstraram familiaridade com os sites, mas se queixaram da dificuldade de se obter as informações através desses veículos, assim como o grupo de escolas públicas.

Fizemos também um encontro com participação de duas pessoas já formadas em universidades diferentes (pública e privada) e também com profissões distintas, uma era advogada, enquanto o outro trabalhava na área da tecnologia, especificamente com

computação. Esses profissionais contaram um pouco da sua trajetória enquanto estudantes, suas experiências estando, a primeira em uma universidade privada, enquanto o segundo estava em uma universidade federal. Dessa forma, os estudantes puderam compreender melhor a dinâmica da universidade, as diferenças existentes entre as faculdades públicas e particulares, como também tirar suas dúvidas ao longo do diálogo sobre o mercado de trabalho e a entrada nesse mundo. Assim, ter uma pessoa com mais experiência na área consiste em passar mais informações, podendo diminuir a angústia desses alunos e também, mostrar um pouco da prática profissional desses sujeitos e do mundo do trabalho adentrando o outro pilar da OP.

7 - E afinal, o que é trabalho? Conversando sobre o mundo do trabalho

**Trabalhador
Trabalhador brasileiro
Dentista, frentista, polícia, bombeiro
Trabalhador brasileiro
Tem gari por aí que é formado engenheiro
Trabalhador brasileiro
Trabalhador
(Trabalhador- Composição: Montgomery Ferreira Nunis / Arlindo Domingos
Da Cruz Filho / Jose Franco Lattari / Jorge Mario Da Silva, 2007)**

No sexto encontro com estudantes de escolas particulares, as discussões feitas também foram baseadas nas perguntas retiradas e/ou adaptadas do jogo “*Profissão Futuro*” e do texto de Bock (2009) para que fosse possível compreender um pouco mais sobre o mundo do trabalho. Foram utilizadas tais perguntas para instigar as reflexões:

1. O que é trabalho?
2. O que não é trabalho?
3. Quais as diferenças entre homens e mulheres no mundo do trabalho?
4. Qual a profissão mais contribui para a transformação da sociedade?

Nesse encontro, quando questionados pelas perguntas, esses alunos trouxeram que trabalho é tudo aquilo que o sujeito faz para sobreviver, colocando sobre as diferenças existentes entre homens e mulheres no ambiente de trabalho e também sobre como escolher qual curso fazer está ligado com a identificação de cada um. Moura e Maranhão (2018, p. 143) vão dizer que a elaboração da identidade é um processo que tem como alicerce o autoconhecimento e a autonomia, sendo as bases para que aconteça o processo de escolha.

Tivemos um encontro com estudantes de escolas privadas anterior a esse que já havia sido apresentado o conceito de profissão retirado do dicionário Aurélio, explicando que a palavra profissão vem do latim *professio*, e que esta é a ação e o efeito de professar (exercer um ofício, uma ciência ou uma arte). Sendo assim, a profissão seria o emprego ou o trabalho que alguém exerce e pelo qual recebe uma retribuição econômica. No entanto, foi importante trabalhar as condições necessárias para se ter uma profissão como, por exemplo, uma especialização tal qual uma formação universitária ou profissional, numa tentativa de distinguir o que é profissão e ofício.

Com os participantes de escolas públicas, a temática relacionada ao mundo do trabalho foi se apresentando ao longo dos encontros, tendo em vista que estes traziam uma comparação com os seus familiares e as oportunidades que cada indivíduo teve. A relação com o trabalho se apresentou diferente do grupo de escolas públicas, tendo em vista que alguns participantes já estavam no mercado de trabalho em áreas diferentes, auxiliando inclusive seus pais em seus ofícios, demonstrando como a questão socioeconômica está presente nas relações e dita a forma como o sujeito está e compreende o mundo.

É impossível não fazer a relação com o mundo do trabalho ao escutar uma outra pessoa falando sobre uma profissão desejada, então, no encontro que foi trazido os convidados, surgiram muitas dúvidas vindas dos participantes de ambos os grupos sobre o mercado de trabalho, a angústia do que esperar após a conclusão do curso, o que cada profissão pode fazer e como escolher isso. Essas dúvidas correspondem com as minhas ao entrar na graduação e também agora, no momento de finalização, afinal, assim como esses garotos, eu também estava no processo de encerramento de um ciclo para dar início a outro, indo ao encontro do sentimento apresentado por esses meninos e meninas.

8 - E como a gente estuda na pandemia? Será que eu vou passar? - Pensando sobre projeto de vida

Decoreba: esse é o método de ensino
Eles me tratam como ameiba e assim eu num raciocino
Não aprendo as causas e conseqüências só decoro os fatos
Desse jeito até história fica chato
Mas os velhos me disseram que o "porquê" é o segredo
Então quando eu num entendo nada, eu levanto o dedo
Porque eu quero usar a mente pra ficar inteligente
Eu sei que ainda num sou gente grande, mas eu já sou gente
E sei que o estudo é uma coisa boa
O problema é que sem motivação a gente enjoa
O sistema bota um monte de abobrinha no programa
Mas pra aprender a ser um ingnorante
Ah, um ignorante, por mim eu nem saía da minha cama (Ah, deixa eu dormir)
Eu gosto dos professores e eu preciso de um mestre
Mas eu prefiro que eles me ensinem alguma coisa que preste
O que é corrupção? Pra que serve um deputado?
Não me diga que o Brasil foi descoberto por acaso!
Ou que a minhoca é hermafrodita
Ou sobre a tênia solitária
Não me faça decorar as capitâneas hereditárias!
(Ensino errado- Composição: Gabriel, 1995)

No quinto encontro com os participantes de escolas públicas, a partir de queixas levantadas nos grupos anteriores, propusemos a tarefa de pensar em conjunto, estratégias para estudar. Esses adolescentes estavam com muitas angústias em relação à dificuldade de se ter um momento de estudo e concentração neste, devido ao ensino remoto, às inseguranças oriundas da covid-19, às mudanças ocasionadas pela pandemia nos setores social, da educação, financeiro, etc. Pensando nisso, foi utilizado as seguintes perguntas adaptadas do jogo “*Profissão Futuro*” para construir as estratégias juntamente com os participantes do grupo, além de instigar esses estudantes a fazer uma pesquisa a respeito da profissão pretendida:

1. Qual a dificuldade em começar a estudar?
2. Quais estratégias podem ser traçadas para não deixar de estudar?
3. Você se compara com o outro?
4. O que é ser um bom estudante?
5. O que é ser um bom profissional?
6. O que você busca num curso de graduação?
7. Você já pesquisou sobre o curso que você quer? O que ele te habilita?
8. Você sabe o que é bacharelado e licenciatura?

Ainda nesse encontro sobre estratégias para estudar, foi levantado a questão que a exposição sobre as telas se tornou ainda maior devido à pandemia de covid-19, sendo usada não apenas para lazer, como também para estudo, aumentando a dificuldade de concentração, fora os malefícios desse tempo maior de exposição como o excesso de luz azul, contribuindo inclusive para a diminuição de horas de sono, ou como relatado, um sono “turbulento”. Dessa forma, pode-se dizer que o isolamento social teve um impacto importante no sono desses adolescentes e na sua concentração, atenção e outros fatores que estão diretamente ligados ao sono, já que este desempenha um papel fundamental para a saúde mental e física de crianças e adolescentes (Sousa Filho, Oliveira & Silva, 2022). Falas relacionadas ao sentimento de impotência, frustração e angústia apareceram ao longo do encontro, além de relatos sobre o incômodo de ser comparado com terceiros, sendo a realidade vivenciada por esses alunos diferente das pessoas utilizadas para comparação.

No último encontro com os estudantes de escolas públicas e privadas, foi apresentado uma retrospectiva do nosso caminhar em conjunto, trazendo os temas trabalhados e também recortes das falas que apareceram durante os grupos. Foi importante essa retomada para observar o andamento de cada grupo, entendendo que houve um crescimento pessoal de cada indivíduo e que isso favoreceu uma tomada de consciência do processo de escolha. Isso ficou explícito nas falas dos estudantes que disseram estar mais preparados para esse momento, assim como para lidar com as projeções feitas por terceiros. As falas em ambos os grupos eram bem similares, pois os estudantes traziam como os encontros foram interessantes e importantes para que eles pudessem fazer uma escolha mais consciente do que realmente desejavam, sem tanta interferência dos pais, dos amigos e também da escola.

9 - E aí, vamos finalizar?

**-Todos os dias quando acordo
Não tenho mais o tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo tempo do mundo
(Tempo perdido- Composição: Renato Russo, 1986).**

A modalidade online de ensino trouxe uma nova perspectiva para o processo de aprendizagem, afinal, os estudantes, os professores e as próprias instituições estavam se adaptando a esse novo formato vivenciado devido à pandemia de covid-19. Pensar no processo de escolha profissional, a partir dos pressupostos da OP tendo a abordagem sócio histórica como base frente a esse período, se fez importante para dar oportunidade aos alunos que estão passando pelo momento de tomada de decisão de qual faculdade cursar, se autoconhecer, conversar sobre os sentimentos existentes durante esse processo, dando sentido a estes.

A partir dos encontros, percebi que havia diferenças nas vivências dos estudantes de escolas públicas e das escolas privadas, já que a realidade dos participantes de cada grupo era muito diferente tendo em vista o fator econômico e a infraestrutura das escolas. Ainda assim, o sentimento de angústia, incerteza do futuro, medo trazido pela vivência da pandemia, pairavam sobre todos os participantes, sentimentos esses relacionados à própria fase da adolescência, com a junção da covid-19.

Uma das principais limitações encontradas durante a experiência foi a dificuldade de manter a conexão com todos os participantes, tendo em vista que muitos deles não tinham uma internet estável, como também a diminuição gradativa de estudantes em ambos os

grupos, além da diferença na forma de abordar os conteúdos trabalhados nos encontros. De todo modo, foi importante ter um espaço de escuta e acolhimento para que esses estudantes pudessem falar sobre suas angústias e tornar esse processo de escolha profissional menos penoso, pensando em formas coletivas de enfrentamento das problemáticas.

Vale salientar que a maioria das estratégias realizadas nos grupos foi tirada de livros, sites e jogos relacionados a OP, reforçando a necessidade de ter uma maior realização de pesquisas nessa área de conhecimento. Diante disso, a experiência vivenciada através do estágio em Orientação Profissional trouxe uma importante contribuição para mim, enquanto graduanda em Psicologia, para universidade e também para os participantes do grupo, tendo em vista que pôde-se compreender melhor e refletir, sobre o processo de escolha em tempos de pandemia e os impactos que esta teve na saúde mental desses estudantes.

10 - Referências

Aguiar, Wanda Maria Junqueira de. (2006). A escolha na orientação profissional: contribuições da psicologia sócio-histórica. *Psicologia da Educação*, (23), 11-25. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000200002&lng=pt&tlng=pt.

Arruda, E. P. (2020). Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *EmRede - Revista De Educação a Distância*, 7(1), 257-275. Recuperado de <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>

Berger, K. S. (2013) O desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira idade. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC.

Branco, E. P., Adriano, G., & Zanatta, S. C. (2020). Educação e TDIC: contextos e desafios das aulas remotas durante a pandemia da COVID-19. *Debates em Educação*, 12, 328-350.

BRASIL. Ministério da Saúde. Painel coronavírus [Internet]. Brasília. Ministério da Saúde; 2021 Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>

BRASIL. Prefeitura de Uberlândia. Boletim covid-19. Uberlândia, 2021 Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/coronavirus/boletim-municipal-informe-epidemiologico/>

BRASIL. Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. D.O.U 18/03/2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA _ Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/o-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>

Bock, S. D. (2002) A proposta de Orientação Profissional na abordagem sócio-histórica. IN: Orientação Profissional: a abordagem sóciohistórica. 2ª ed. São Paulo: Cortez

Bock, S. D. (2014) A proposta de Orientação Profissional na abordagem sócio-histórica. IN: Orientação Profissional: a abordagem sóciohistórica. 4ª ed. São Paulo: Cortez

Bohoslavsky, r. (2015). orientação vocacional: a estratégia clínica (13ª de.). são paulo: martins fontes.

Caetano, A. Falcão, (2021). Amarelo azul e branco. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/anavitoria/amarelo-azul-e-branco-part-rita-lee/>

Cartola; Candeia (1976). Preciso me encontrar. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/cartola/68347/>

César Borges de Sousa Filho, P. Martins Oliveira, S. ., & de Alencar Silva, M. . (2022). O Impacto do uso de dispositivos emissores de luz azul na qualidade do sono de crianças e adolescentes em meio a pandemia covid-19. *Revista Saúde.Com*, 18(2). <https://doi.org/10.22481/rsc.v18i2.9774>

Chorão; Negra Li; Champigno; Pelado (1997). Não é sério Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/charlie-brown-jr/6008/>

Coelho, A. P. S., Oliveira, D. S., Fernandes, E. T. B. S., de Souza Santos, A. L., Rios, M. O., Fernandes, E. S. F., ... & Fernandes, T. S. S. (2020). Saúde mental e qualidade do sono entre estudantes universitários em tempos de pandemia da COVID-19: experiência de um programa de assistência estudantil. *Research, Society and Development*, 9(9), e943998074-e943998074.

Cordeiro da G. O., G., & Boruchovitch, E. (2021). Ansiedade entre estudantes do ensino médio, gênero e escolaridade. *Revista Educação Em Questão*, 59(62). <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2021v59n62ID26453>

Duarte, M. E. (2013) A vida da orientação na vida do século XXI: constrangimentos e desafios. *Rev. bras. orientac. prof*, São Paulo , v. 14, n. 2, p. 155-164, dez. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902013000200002&lng=pt&nrm=iso>

Gabriel, O pensador (1995). Ensino errado. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gabriel-pensador/66375/>

Garcia, L. (2016). Em busca de uma pista. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cpm-22/em-busca-de-uma-pista/>

IBGE. Síntese de Indicadores Sociais Uma análise das condições de vida da população brasileira 2021 Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101892.pdf>

Krawczyk, N. (2011). Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. *Cadernos de pesquisa*, 41(144), 752-769. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742011000300006>

Lima, E. G. D. O. (2021). *O papel dos coordenadores pedagógicos: desafios das ações pedagógicas com o uso das TDIC em tempos de pandemia* (Master's thesis, Universidade Federal de Pernambuco).

Lima, F. T., Gomes, M. L., & Machado, Y. R. D. (2021, September). O Impacto da Pandemia na Saúde Mental dos Estudantes do Ensino Médio. In *Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre* (Vol. 2, No. 12).

Lima, M.N.B; Maranhão, T. L. G. (2018) Orientação Profissional na Adolescência: Uma Revisão Sistemática, Id on Line Rev. Mult. Psic. V.12, N. 42, p. 158-186, 2018 - ISSN 1981-1179 Edição eletrônica em <http://idonline.emnuvens.com.br/id>

Melo, L. C. B. D., & Leonardo, N. S. T. (2019). Sentido do ensino médio para estudantes de escolas públicas estaduais. *Psicologia Escolar e Educacional*, 23, 1-9. <https://doi.org/10.1590/2175-35392019017542>

Miranda Ramos, M., Cerqueira-Santos, E., & de Oliveira Machado, R. (2022). Saúde mental na segunda onda da pandemia de Coronavirus Disease 2019 no Brasil/Mental health in the second wave of the Coronavirus Disease 2019 pandemic in Brazil. *Journal of Nursing and Health*, 12(1).

Moura, S. L.; Maranhão, T. L. G. (2018) Escolha Profissional do Adolescente Jovem: Pesquisa de Campo sobre as Interfaces do Apoio Parental. Id on Line Rev.Mult. Psic., vol.12, n.42, p. 136-157. ISSN: 1981-1179.

Oliveira Menezes, S. K., & Francisco, D. J. (2020). Educação em tempos de pandemia: aspectos afetivos e sociais no processo de ensino e aprendizagem. *Revista Brasileira de Informática na Educação*, 28, 985-1012.

Papalia, D. E. e Feldman, R. D. (2013) *Desenvolvimento humano*. 12. ed. Porto Alegre: AMGH.

Rodrigues, D. G.; Pelisoli, C. (2008) Ansiedade em vestibulandos: um estudo exploratório. *Rev. psiquiatr. clín.*. São Paulo, v. 35, n. 5, p. 171-177. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832008000500001&lng=en&nrm=iso>.

Russo, R. (1986) Tempo perdido. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/22489/>

Santos Junior, V. B. dos; Monteiro, J. C. DA S. (2020) Educação e covid-19: As tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. *Revista E7 ncantar*, v. 2, p. 01-15, 15 maio.

Montgomery, F. N. / Domingos, A. C. F. / Lattari, J. F. / Silva, J. M. (2007). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/seu-jorge/1089734/>

Silva, S. M. da, & Rosa, A. R. (2021). O impacto da covid-19 na saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção. *Revista Prâksis*, 2, 189–206. <https://doi.org/10.25112/rpr.v2i0.2446>

Souza, C; Silva, D. N. H. (2018) Adolescência em debate: Contribuições teóricas à luz da perspectiva histórico-cultural. *estud.*, v. 23, e35751 Doi: 10.4025/psicolestud.v23.e35751

Schönhofen, F. de L. et al (2020). Transtorno de ansiedade generalizada entre estudantes de cursos de pré-vestibular. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria [online]*, v. 69, n. 3 , pp. 179-186. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0047-2085000000277>>. Epub. ISSN 1982-0208..

Tabaquim, Maria de Lourdes Merighi, Bosshard, Claudete A. Garcia, Prudenciatti, Shaday Mastrangelo, & Niquerito, Ana Vera. (2015). Vulnerabilidade ao stress em escolares do ensino técnico de nível médio. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 35(88), 197-213. Recuperado em 09 de maro de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2015000100013&lng=pt&tlng=pt.

Terruggi, Tatiana Petroni Laurito, Cardoso, Hugo Ferrari, & Camargo, Mário Lázaro. (2019). Escolha profissional na adolescência: a família como variável influenciadora. *Pensando famílias*, 23(2), 162-176. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200013&lng=pt&tlng=pt.

Valore, LA. (2008) A problemática da escolha profissional: a possibilidades e compromissos da ação psicológica. SILVEIRA, AF., et al., org. *Cidadania e participação social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, pp. 66-76. ISBN: 978-85-99662-88-5. Available from SciELO Books .

Vazquez, D. A., Caetano, S., Schlegel, R., Lourenço, E., Nemi, A., Slemian, A., & Sanchez, Z. M. (2021) Vida sem Escola e a saúde mental dos estudantes de escolas públicas durante a pandemia de Covid-19.

Vigotski, L. S. (1984/2014). *Obras escogidas*. Tomo IV. Madrid: A. Machado Libros S.A.

Xiao, C. Yi Li. 2020. Analysis on the Influence of Epidemic on Education in China. *In: DAS, Veena; KHAN, Naveeda (ed.). Covid-19 and Student Focused Concerns: Threats and Possibilities*, American Ethnologist website. Disponível em: <https://americanethnologist.org/features/collections/covid-19-and-student-focusedconcerns-threats-and-possibilities/analysis-on-the-influence-of-epidemic-oneducation-in-china>.